

# Roda de conversa 9

**Moderadores:** Sergio Molina e Adriana Terahata

**Participantes:** Lucas Ciavatta e Viviane dos Santos Louro

**Sergio Molina** – Projeto “A Música na Escola”, roda de conversa número nove trata de música e inclusão, a inclusão de pessoas com deficiência e a inclusão social.

**Viviane dos Santos Louro** – Vou falar de sobre a questão da inclusão da pessoa com deficiência e do meu trabalho que é especificamente na área de música. Para tanto, temos que entender o que são pessoas com deficiência.

Pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência, de 2006, a deficiência em si é a relação entre a limitação física, cognitiva, sensorial ou comportamental e os obstáculos que a sociedade impõe. A terminologia atual é “pessoa com deficiência”, não mais “portadora de deficiência”, por partirmos do pressuposto que uma pessoa que porta alguma coisa pode deixar de portar, e a deficiência é algo definitivo. Na escola, ainda utiliza-se o termo “necessidades especiais” que é muito amplo, afinal, necessidades especiais todos nós temos. Se uma pessoa de outra cultura vier para o Brasil, ela terá uma necessidade especial. Um obeso tem uma necessidade especial. Um idoso também.

Quando falamos de música e inclusão, as pessoas confundem com musicoterapia. O que eu faço não é trabalho de reabilitação, de socialização ou ainda de recreação. É um trabalho pedagógico voltado para a área de educação musical.

Nesses meus anos de experiência, percebi que o trabalho com essas pessoas tem de ser em conjunto entre o professor, a escola, a família e a sociedade. A saúde é complementar a essa questão. Se eu tenho um aluno com problema de processamento auditivo central e ele vai fazer aula relacionada com música, talvez ele tenha problema para aprender algumas questões musicais. Não é o professor de música que vai resolver isso. Ele criará uma estratégia para colaborar na aprendizagem, mas quem trabalhará isso é o fonoaudiólogo. O professor sozinho não tem que dar conta dessa demanda em sala de aula.

Pensando na formação do professor, elenquei alguns itens importantes. O primeiro seria a quebra das barreiras atitudinais, a mudança de postura, e da maneira de enxergar essas pessoas e esse tipo de trabalho. Ainda prevalece uma visão muito assistencialista por parte da sociedade.

Outra coisa fundamental é conhecer a patologia do aluno. Não temos que saber tudo, mas se tenho um aluno na minha sala que tem Síndrome de Down, eu preciso saber o que é isso e quais os principais problemas, para que eu possa preparar melhor a aula, saber o que o aluno precisa e também evitar problemas. Algumas pessoas com Síndrome de Down, por exemplo, apresentam cardiopatias, problemas de fechamento da vértebra do pescoço, hipotonia e uma série de outras questões. Se o professor está numa aula de música com crianças que têm essa síndrome e ele não conhece o histórico, pode propor uma atividade que exija muito do corpo e isso pode ser perigoso.

Outra coisa importante é o professor trabalhar sempre com pequenas metas. Se a grande meta é montar uma peça para apresentar no fim do ano, temos de ter metas menores que ajudam a controlar a expectativa e facilitam as adaptações, pois quando tratamos com pessoas com deficiência, fazemos adaptações o tempo todo. Temos vários tipos de adaptações previstas por lei. Temos direito à adaptação de objetivo, de conteúdo, da avaliação, de temporalidade, e até as disciplinas que o aluno irá cursar podem ser delimitadas.

Adaptações de instrumentos musicais são absolutamente possíveis. Temos muitas tecnologias como as pranchas de comunicação e diversos tipos de programa de computador que ajudam o aluno a falar, que registram o que está acontecendo em volta.

Mas o trabalho tem de ser em equipe. O professor sozinho não faz isso e o papel da escola é dar suporte para que as adaptações aconteçam. Ela tem que munir o professor de informações sobre o aluno e essa é uma questão polêmica. O papel da escola é o de fazer o intercâmbio entre o professor e a família. E o papel da família não é menor, é justamente munir a escola dessas informações, dar feedback para a escola.

Por último, destaco a questão da busca dos nossos direitos como cidadãos e como professores. Existem inúmeras resoluções, decretos, leis e estatutos que falam sobre a questão da educação da pessoa com deficiência, que definem qual é a função do Ministério da Educação. O MEC tem uma resolução que determina que as escolas têm de ser munidas de salas multifuncionais, de professores especializados, professores de apoio, e professores de libras. É nosso papel brigar para que essas coisas aconteçam.

O próprio aluno também tem responsabilidade sobre o seu processo de aprendizagem. Quebrar a barreira atitudinal também é dar autonomia para o aluno.

**SM** – No caso de um aluno com deficiência, fica evidente esse possível despreparo do professor. Talvez isso sirva de contexto para o Lucas dar sua visão.

**Lucas Ciavatta** – Eu começaria a minha fala comentando de um excluído, que fui eu. Eu reinventei um caminho de aprender música. Eu fiz três vezes o curso de habilidade específica para entrar na faculdade. Comecei a fazer música com 21 anos de idade porque decidi que eu ia fazer e eu tive muitas razões para desistir. Mas mesmo com minha obstinação e com minha perseverança, se eu não tivesse encontrado uma ferramenta, que é método que eu criei, “O Passo”, hoje eu estaria fazendo outra coisa.

Acho fundamental o trabalho de educação especial para pensar em alternativas, para indicar que o problema é real e está acontecendo com todos nós, mas que normalmente não o vemos. O modelo de ensino de música é um modelo ultrapassado. E o que é aprender música? Existem os que sabem fazer melhor, mas tem gente que passa a vida inteira sem fazer música. Estes, também, são os excluídos. O aluno que não consegue entrar no ritmo, aquele que não entende o que está acontecendo, o que desafina de uma forma absurda, ele não tem uma deficiência, mas é uma pessoa normal excluída.

É preciso pensar diariamente no processo de exclusão e não só quando aparece um cadeirante. Eu dava aula para um



*A especificidade dessa disciplina é que temos a possibilidade de trabalhar a escuta. É o que as pessoas querem: me escuta, fala comigo, conversa comigo como alguém que está me escutando.*

LUCAS CIAVATTA

## Roda de conversa 9

senhor com 50 anos de idade que nunca tinha dançado na vida, era químico de um laboratório de carros. Ele queria fazer música, mas tinha muita dificuldade, era completamente excluído do mundo musical. Ele certamente ouviu várias vezes: “Você está errado!”. Para mim, esse contato com o excluído e com a exclusão nunca foi diretamente associado a uma deficiência.

É importante pensar o que estamos considerando como inclusão. Colocar dentro de sala de aula é o primeiro passo. Também tem o caso da anulação do indivíduo, em que o professor olha para o aluno e acha que ele está incluído mas, ao invés disso, ele está anulado. Ele é um cara normal, mas dentro da escola, ele se anulou. Dentro do grupo, ele não faz a menor diferença. Ele só não é excluído porque não está na cadeira de rodas, porque ele não tem uma síndrome. Mas, ele é tão ou mais excluído.

O que é incluir? Já tive experiências em sala de aula, de fazer um exercício com uma pessoa que era cega. Ela fez uma coisa diferente de todo mundo. De repente, eu falei: “Galera, ele está certo, façam como ele!” De repente, ele foi incluído. Depois disso, quando ele fazia alguma coisa diferente, todo mundo prestava a atenção no que ele estava fazendo. Acabou, a diferença sumiu.

No “O Passo” falamos muito dessa divisão de responsabilidade. O aluno está errando e eu pergunto se ele sabe fazer o passo. Ele diz que sim. Eu pergunto se ele sabe ler o 1-2-3-4? Ele responde que sabe. Então, vai estudar! Como professor, normalmente, não tem colher de chá. Na hora do “vamos ver” eu vou te dar um tamborim na mão. Na hora do “vamos ver” você terá de abrir a boca e cantar. E, se você não afinar, vai comprometer o grupo. A tua responsabilidade é grande, ainda que você não queira que ela seja. Esse processo de construção de autonomia tem a ver com rigor.

Rigor é não estar insensível à diversidade, é não proteger ninguém da própria ignorância. Eu me lembro de mim no estúdio, enrolando para fazer coisas que meus alunos fazem com facilidade hoje em dia e eu acho que isso fez de mim um bom professor. É me lembrar de quando eu não sabia, é me lembrar desses momentos de dificuldades. Eu criei uma ferramenta e comecei a ver que eu estava incluindo e esta é a responsabilidade do professor. Não estou dizendo que é a única. Tem a responsabilidade do aluno que queremos incluir e do grupo que tem de contribuir, mas o movimento de criar na direção dessa inclusão é do professor.

**Adriana Terahata** – Quería ouvir, a partir da experiência de vocês, como sensibilizar, como incluir também o professor diante da multiplicidade de deficiências, como o instrumentalizar para todas essas exclusões? Existem possibilidades de integração?

**VL** – A instrumentalização sozinha não garante que o professor realizará, porque isto não significa que ele não tem aquelas barreiras atitudinais.



“ Não acho que o papel da música na escola é de formar músicos. Vejo a música na escola cumprindo um papel transformador e humanizador. ”

VIVIANE DOS SANTOS LOURO

Trabalhei com música em muitas instituições para pessoas com deficiências. Havia grupos de todas as deficiências, de todos os níveis de comprometimento, e essas instituições são as mais preconceituosas.

Há cinco anos, eu tenho um grupo de música e teatro, a Trupe do Trapo, com pessoas com deficiência, sem deficiência e terceira idade. É muito interessante quando nos apresentamos. As pessoas sabem que é um grupo formado por esse público (de 13 a 75 anos), com todo mundo em cena, fazendo música ao vivo, tocando, cantando e fazendo teatro. Às vezes, os professores de música assistem e quando termina, eles falam que não viram deficiência. E quando eu falo que dos dezesseis que estavam em cena, apenas dois não tem alguma coisa, eles querem saber como eles tocam daquele jeito, como decoram um texto.

As pessoas têm essa visão de que, se vão assistir a um grupo de inclusão, vão ver os coitadinhos. Se o grupo faz um trabalho artístico legal, de qualidade, as pessoas acham que então não tem mais a deficiência. A deficiência está diretamente ligada ao imaginário das pessoas com incompetência e incapacidade.

**AT** – Nessa formação de professores em que você tem atuado, existem aspectos que você destacaria como facilitadores dessa quebra de barreiras?

**VL** – Quando trabalho com professor eu bato muito nessa tecla da quebra atitudinal. O preconceito está arraigado, já vem de um histórico social. Eu também tenho uma deficiência, eu deveria ser a pessoa mais sem preconceito do mundo. No entanto, outro dia, fomos nos apresentar no Circo Vox, em Moema, e nós ensaiamos em Santo André. Tem um menino do grupo que é autista, razoavelmente grave. Ele só sabia que a apresentação era no Circo Vox, mais nada. Nós não passamos o endereço para ele e combinamos de nos encontrar em um determinado local. Chegou a hora e ele não apareceu. E ele nunca atrasa. Esperamos uma hora e fomos para o Circo. Quando chegamos, ele estava lá, sozinho. Eu perguntei como ele tinha aparecido ali e ele respondeu que tinha visto no Google. Eu fiquei indignada porque tinha certeza de que ele não tinha a menor condição de fazer aquilo sozinho, entende?

**LC** – Eu gosto muito do termo ferramenta. Por exemplo, eu diria que se ferramentar é construir em você uma capacidade de ser flexível. Aprender a improvisar, que não é fazer qualquer coisa, é brincar em cima de uma estrutura, é ficar muito à vontade. Ter um conhecimento profundo do que você faz a ponto de ficar à vontade para encontrar uma forma. Eu acho que a solução é uma formação básica, que permite ser flexível. Quando você chega ao seu lugar, que está associado à competência e ao conhecimento profundo (e você só atinge esse ponto com muita dedicação e com muita prática), o imprevisível não te dá mais medo. Isso propicia uma postura inclusiva, aberta à diversidade.

**VL** – O que é muito complicado é ser flexível num sistema de ensino que não é flexível. Acho que ser sensível é fundamental. A Trupe do Trapo é um trabalho que dá certo, que consegue juntar pessoas de diferentes faixas etárias, gente rica, pobre, que anda, que não anda, que é muito inteligente, que não amarra o sapato. Dá certo porque não é institucionalizado. É um grupo independente, que não tem de cumprir horário, não tem prova no fim do semestre. Eu acho que o sistema de ensino exclui.

**LC** – Se eu não tivesse tanta experiência em escola, até acharia que o sistema é engessado. Mas acho que o sistema quer funcionar. Eu falo muito isso com as professoras. Um bom exemplo é o do professor de música que não pode fazer barulho, não pode fazer um som, cantar uma música, que dirá uma batucada. Pois todas as escolas que começaram a ter batucadas, associadas à construção de conhecimento, deram um jeito desse trabalho não morrer. Inventaram um lugar porque o trabalho não pode morrer. O sistema vai se adaptar a você se o que você propõe é uma coisa interessante. Acho que a escola é o professor.

## Roda de conversa 9

---

**SM** – Pensando na educação como formação do ser humano como um todo, onde a música poderá trabalhar fazeres que, normalmente, as outras disciplinas não atacam como prioridade, isso também não seria um tipo de inclusão?

**VL** – Acho que depende de como a aula for dada. Se for uma aula de música num molde extremamente tradicionalista, talvez seja igual às outras disciplinas.

**LC** – A especificidade dessa disciplina é que temos a possibilidade de trabalhar a escuta. É o que as pessoas querem. Me escuta, fala comigo, conversa comigo como alguém que está me escutando. Na aula de música, vamos compartilhar o espaço sonoro.

**SM** – Talvez a aula de Música, por propiciar atividades coletivas, possa ser um lugar especial para a questão da inclusão. Falamos de espaço coletivo, mas com lugar para o individual. Muitas vezes, a improvisação também é um espaço individual dentro do coletivo. Nesse caso não seriam maneiras de contemplar o indivíduo com autonomia na administração desse espaço, porém, com responsabilidades para com o todo?

**VL** – Acho que voltamos para a quebra das atitudes. Não é exatamente o conteúdo ou aonde você quer chegar, é como você promove isso. Eu gosto muito de trabalhos colaborativos e a base do meu trabalho é a improvisação. É reunir o coletivo com o individual. Para citar um exemplo, eu escrevi a música para a peça da Trupe, baseando-me nas possibilidades dos meninos. Esse canta bem, esse só toca (pulsção) etc. Só que os meninos vão se desenvolvendo e a música vai mudando. Entra gente, sai gente e, a partir dessa improvisação e do que cada um traz de potencial e de recursos, vamos lapidando, estruturando e introduzindo alguns conceitos.

**AT** – Gostaria de destacar alguns pontos para se pensar a música dentro da escola. O que a escola entende de inclusão? O que o professor entende de inclusão? O que é música? Parece-me que vocês trazem um conceito muito aberto de música, de algo que não é exclusivo. Ao mesmo tempo, tem o desafio de quebrar barreiras, na medida em que os professores têm uma concepção de música, muitas vezes, fechada, e um preconceito cultural arraigado. Baseado na diversidade cultural e social em sala, que envolve esse professor, qual é o papel da música dentro da escola?

**LC** – A criança, quando vem aprender violão vem, na verdade, aprender música. Pode ser que ela comece no violão e vá para outro instrumento. Você está preocupado em ensinar músicas, mas você tem que ensinar “música”, que é muito mais abrangente, muito mais interessante. Depois o aluno vai aprender o que quiser. Ou um garoto de sete anos de idade está no carro com o pai, ouvindo rádio, e pergunta: “A caixa está no dois e no quatro, pai?” Ele está preocupado com a estrutura da música, está analisando, começando a construir um pensamento musical.

**VL** – Podemos ter várias vertentes. Eu não acho que o papel da música na escola é de formar músicos. Eu vejo a música na escola cumprindo um papel transformador e humanizador. Vejo a música atuando no trabalho de escuta do coletivo, na relação em grupo e também auxiliando a aprendizagem como um todo.

Nós sabemos que a música trabalha a questão cognitiva, emocional, comportamental e o raciocínio. Acho que ela tem um papel mais profundo, o da questão humana, da sensibilização do ser humano. Não que a questão técnica de tocar e aprender alguns conceitos e da aprendizagem da música será isentada.

**AT** – Não será, necessariamente, um professor formado em música que irá trabalhar com o ensino de conteúdo musical. Dentro da perspectiva que vocês trouxeram, do trabalho da escuta, de grupo e das questões de conteúdo musical, isso é possível de ser feito por um leigo em música?

**LC** – Vou fazer uma afirmação categórica: a excelência é fundamental. Só quem está disposto a fazer direito é que deveria fazer, mesmo dentro das suas limitações. A pessoa que entrar não pode abrir mão de tentar ser muito bom e, para isso, estudar.

**VL** – Também acho que fazer uma coisa sem ter conhecimento não vai contribuir em nada. O que o Lucas falou sobre excelência, é importante. A pessoa tem de ter o mínimo, tem de saber o que vai fazer. Tudo dependerá, de novo, de como o trabalho será feito.

**SM** – Viviane, eu sei que você dá aula sobre psicomotricidade. Gostaria que falasse um pouco sobre isso.

**VL** – Eu descobri a psicomotricidade há uns seis anos, e ela mudou totalmente a minha maneira de ver as coisas e de ver música. Fiz um curso de psicomotricidade na deficiência mental e, depois disso, vi que poderia ser aplicado a qualquer coisa. Resumindo, a ideia da psicomotricidade é como o seu corpo está no mundo e como usá-lo da melhor forma possível. Potencializá-lo ao máximo gastando o mínimo de energia. Só que o corpo não é um corpo sozinho no espaço, ele vem moldado por um conteúdo emocional e cognitivo.

A psicomotricidade trabalha sempre o emocional, o cognitivo e a ação motora. É a qualidade do movimento moldada pela questão interior. A partir disso, você trabalha tudo. A visão da pessoa é sempre global e sempre trabalhando com o corpo. A ferramenta principal da psicomotricidade é o corpo.

Como você utiliza o corpo, num primeiro momento? É como se nós fôssemos, ao nascer, uma argila e a vida fosse moldando esse corpo. E não tem como falar de música sem falar de corpo. A psicomotricidade resolveu 90% dos meus problemas com o pessoal que tem deficiência e com quem não tem também. Eu dou aula de rítmica na Fundação das Artes e o meu trabalho inteiro é baseado em psicomotricidade. Eu sugiro que todo mundo leia, estude um pouquinho porque faz muita diferença.

**SM** – Considerações finais, se vocês acharem necessário.

**VL** – A inclusão é possível, pensando no público que eu trabalho. Os professores estão desesperados e eu entendo, pois tudo fica muito sob a responsabilidade desse profissional. Novamente afirmo que é preciso mudar a maneira de pensar. É a quebra de barreiras atitudinais em todos os sentidos. Mudar a maneira de se pensar música, de se pensar inclusão, de se pensar deficiência e normalidade. Assim começa a ficar mais possível.

**LC** – Eu queria falar sobre trabalho diversificado e a postura que tem a ver com o trabalho da educação especial. Vamos fazer um conteúdo específico para ele? Não só para ele, vamos fazer para todo mundo. A gente trabalha com avaliação diversificada. Porque não adianta lidar com conteúdo diversificado e depois aplicar uma prova igual para todo mundo. A inclusão sempre vai se dar em diversos níveis, com qualquer aluno que precisar de algum procedimento específico. Você tem de ter condições, vontade, ferramentas, disposição, ter esse olhar, ter essa escuta. Se você tiver essa escuta e tiver capacidade de fazer isso, você estará atento e entenderá a diversidade.